e-ISSN: 2177-8183

ALÉM DO QI: EXISTEM ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO FORA DA ESCOLA?

BEYOND IQ: ARE THERE HIGH ABILITIES OR GIFTEDNESS OUTSIDE OF SCHOOL?

MÁS ALLÁ DEL COEFICIENTE INTELECTUAL: ¿EXISTEN LAS ALTAS CAPACIDADES O LA SUPERDOTACIÓN FUERA DE LA ESCUELA?

Bruna Ellen Cruz Rego
Universidade Federal do Ceará
brunscrus3@gmail.com

Tania Vicente Viana
coordenadorataniaviana@gmail.com
Universidade Federal do Ceará

RESUMO

No início do século XX, os testes psicométricos com resultados em Quociente de Inteligência (QI) revolucionaram o campo de medidas na Psicologia. São instrumentos qualificados para a avaliação de habilidades linguísticas e lógico-matemáticas, tradicionalmente valorizadas na escola. Este artigo objetiva apresentar a concepção de Altas Habilidades ou Superdotação (AHSD) e sua relação com o QI a partir das ideias de cinco autores: Joseph Renzulli (1936-), Robert Sternberg (1949-), Ellen Winner (1947-), Françoys Gagné (1940-) e Howard Gardner (1943-). Para tanto, realizamos um estudo bibliográfico, utilizando como fonte as entrevistas concedidas por esses estudiosos, no período de 2023 a 2024, publicadas na edição especial da Revista Brasileira de Altas Habilidades ou Superdotação, periódico online do Conselho Brasileiro para Superdotação (ConBraSD). Durante o século XX, verificou-se uma evolução conceitual para uma perspectiva mais abrangente. Nesse sentido, as AHSD passam pelo QI, mas ultrapassam o QI. Existe inteligência dentro e fora da escola.

Palavras-chave: Quociente de Inteligência (QI). Altas Habilidades ou Superdotação (AHSD). Psicologia da Educação.

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

ABSTRACT

In the early 20th century, psychometric tests with results in Intelligence Quotient (IQ) revolutionized the field of psychology. They are qualified instruments for assessing linguistic and logical-mathematical abilities, traditionally valued in schools. This article aims to present the concept of High Abilities or Giftedness (HAGD) and its relationship with IQ based on the ideas of five authors: Joseph Renzulli (1936-), Robert Sternberg (1949-), Ellen Winner (1947-), Françoys Gagné (1940-) and Howard Gardner (1943-). Therefore, a bibliographic study was accomplished, using as sources the interviews given by those five scholars, from 2023 to 2024, published in the special issue of Brazilian Journal of High Abilities or Giftedness, the online journal of Brazilian Council for Giftedness (ConBraSD). During the 20th century, there was a conceptual evolution toward a wider perspective. Thus, HAGD involves IQ, but they go beyond IQ. Intelligence exists both inside and outside school.

Keywords: Intelligence Quotient (IQ). High Abilities or Giftedness (HAGD). Psychology and Education..

RESUMEN

A principios del siglo XX, las pruebas psicométricas con resultados en coeficiente intelectual (CI) revolucionaron el campo de las mediciones en psicología. Son instrumentos cualificados para la evaluación de habilidades lingüísticas y lógico-matemáticas, tradicionalmente valoradas en la escuela. Este artículo tiene como objetivo presentar el concepto de altas habilidades o superdotación (AHSD) y su relación con el CI a partir de las ideas de cinco autores: Joseph Renzulli (1936-), Robert Sternberg (1949-), Ellen Winner (1947-), Françoys Gagné (1940-) y Howard Gardner (1943-). Para ello, realizamos un estudio bibliográfico, utilizando como fuente las entrevistas concedidas por estos estudiosos, en el período de 2023 a 2024, publicadas en la edición especial de la Revista Brasileira de Altas Habilidades ou Superdotação, revista online del Consejo Brasileño para la Superdotación (ConBraSD). Durante el siglo XX, se verificó una evolución conceptual hacia una perspectiva más amplia. En este sentido, las AHSD pasan por el CI, pero lo superan. La inteligencia existe dentro y fuera de la escuela.

Palabras clave: Cociente Intelectual (CI). Altas Habilidades o Superdotación (AHSD). Psicología de la Educación.

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

INTRODUÇÃO

As novas tecnologias, nos dias atuais, proporcionam acesso ilimitado à informação em tempo real, numa sociedade caracterizada pela hiperconectividade. Ainda assim, a compreensão de Altas Habilidades ou Superdotação (AHSD), de modo geral, permanece associada a um alto nível de Quociente de Inteligência (QI), obtido como resultado da aplicação de testes psicométricos. Essa extensão numérica, na verdade, restringe o processo de identificação, circunscrevendo as AHSD à área acadêmica e perpetuando uma visão própria do início do século XX. Desde então, o conceito de AHSD tem evoluído para uma perspectiva abrangente, ultrapassando os limites demarcados pelas habilidades linguísticas e lógico-verbais medidas pelo QI e valorizadas nos meios acadêmicos, seja na escola, seja na universidade. Com efeito, as AHSD vão bem além desse número e revelam-se em múltiplas expressões comportamentais, o que ultrapassa, definitivamente, os muros da escola.

Em projeto coordenado pela professora e pesquisadora Cristina Delou, presidente do Conselho Brasileiro para Superdotação (ConBraSD) durante o biênio 2023 e 2024, foram entrevistados, em vídeo, quatro grandes pensadores da área, que puderam expor suas ideias sobre AHSD, no auge de sua maturidade. Assim sendo, concederam entrevista, de acordo com a sequência cronológica: Joseph Renzulli (1936-), autor do Modelo dos Três Anéis; Robert Sternberg (1949-), autor da Teoria Triárquica da Inteligência; Ellen Winner (1947-), autora do livro “Crianças Superdotadas: Mitos e Realidades” e Françoys Gagné (1940-), autor do Modelo Diferencial de Dotação e Talento (DMGT). Cumpre mencionar que Howard Gardner (1943-), autor da Teoria das Inteligências Múltiplas (IM), não foi entrevistado, porém cedeu os direitos de imagem e de divulgação, para fins educativos, de seu discurso de formatura para a turma de 2024 sobre “Continuidade e Mudança”, na Universidade de Harvard. Esse discurso também consta da edição especial, substituindo a sua entrevista.

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

As entrevistas foram gravadas pela equipe técnica do Centro de Referência em Educação a Distância (CREaD) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), sob a coordenação do Professor Igor Paim. As entrevistas em vídeo e o discurso de formatura foram transcritos e publicados em inglês, bem como traduzidos e publicados em português, em edição especial da Revista Brasileira de Altas Habilidades ou Superdotação (ISSN: 2318-9274), periódico online do ConBraSD.

Isso posto, este artigo objetiva apresentar a concepção de AHSD de cada um desses autores e sua relação com o QI, com base em 4 entrevistas e em 1 discurso de formatura, realizados entre o período de 2023 a 2024. Assim como tornar evidente a abrangência presente no conceito de Altas Habilidades ou Superdotação.

METODOLOGIA

Conduzimos um estudo bibliográfico, utilizando como fonte de pesquisa 4 entrevistas e em 1 discurso de formatura, concedidos por grandes estudiosos da área de AHSD, no período de 2023 a 2024, traduzidos em português para a edição especial da Revista Brasileira de Altas Habilidades ou Superdotação, periódico online do Conselho Brasileiro para Superdotação (ConBraSD). Esse conteúdo se encontra em forma de artigo, tanto no original em inglês como traduzido para a língua portuguesa. Cumpre mencionar que também estão gravados em vídeo com legendas em português e interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Os entrevistados puderam expor e esclarecer suas ideias e suas experiências, no auge de sua maturidade, em suas próprias palavras. São eles: Joseph Renzulli (1936-); Robert Sternberg (1949-); Ellen Winner (1947-); Françoys Gagné (1940-) e Howard Gardner (1943-).

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

As AHSD dentro e fora da escola

O professor Joseph Renzulli desenvolveu o Modelo dos Três Anéis, que define o conceito de superdotação[1] de forma dinâmica, através da interação de três características: i) habilidade acima da média, ii) criatividade e iii) comprometimento com a tarefa, permitindo assim reconhecer as AHSD em variadas manifestações de comportamento. Em suas palavras: "[...] em todos os campos – seja Arte, Atletismo, Negócios ou Empreendedorismo –, existem pessoas que apresentam habilidade acima da média em seu campo específico" (Renzulli, 2023 *apud* Viana; Delou, 2023, p. 2). Em seguida, esclarece: "Portanto, acredito que a capacidade acima da média não seja apenas acadêmica" (Renzulli, 2023 *apud* Viana; Delou, 2023, p. 2). Essa percepção amplia o olhar tradicional, para a inteligência de modo geral e as AHSD de modo específico, do elevado desempenho escolar para as atividades realizadas em diferentes espaços e domínios da vida.

O catedrático menciona constâncias e inconstâncias nos comportamentos superdotados, esclarecendo que a habilidade acima da média tende a se manter com regularidade. Por outro lado, a criatividade e o compromisso com a tarefa tendem a se alimentar um do outro, sendo situacionais. Além disso, a produção criativa se caracteriza por altos e baixos, intercalando momentos de atividade e de inatividade. Essa alternância permite, dentre outros fatores, recuperar as energias e prevenir o esgotamento físico ou mental. A seu ver, os solucionadores criativos de problemas podem oferecer importantes contribuições para o avanço em assuntos familiares, organizacionais e mundiais.

Ainda no que diz respeito à elevada produtividade criativa, ressalta que essas pessoas costumam apresentar outros atributos, sobressaindo-se em organização, planejamento, colaboração e comunicação. Essa capacidade mental de direcionar o comportamento para alcançar determinadas metas é denominada de funções

[1] O autor utiliza os termos superdotação (*giftedness*) e superdotado (*gifted*) no texto original.

CC BY

executivas. Pondera que “[...] se tivesse que adicionar outro anel, provavelmente seriam as habilidades de funções executivas” (Renzulli, 2023 *apud* Viana; Delou, 2023, p. 2), mas conclui que estas se encontram devidamente contempladas no compromisso com a tarefa.

Declara que “[...] os três anéis parecem cobrir a maior parte do que eu sinto que foram as características que contribuíram para altos níveis de produtividade criativa nas pessoas que estudei” (Renzulli, 2023 *apud* Viana; Delou, 2023, p. 3). Em vista disso, demonstra estar satisfeito com o modelo por ele elaborado, que amplia a superdotação para além das habilidades linguísticas e lógico-matemáticas avaliadas por testes psicométricos com resultados em QI, sendo estas estreitamente relacionadas ao desempenho acadêmico. É oportuno salientar que o autor não desconsidera essas habilidades, tampouco o uso do teste de QI para avaliá-las, mas inclui ainda outras habilidades e outros procedimentos de identificação para estas, revelando uma perspectiva abrangente de AHSD.

Na entrevista, relata que era professor de Ciências em 1957, quando foi disparado o *Sputnik*, primeiro satélite artificial a ser colocado na órbita na Terra pela antiga União Soviética[2], acontecimento que marcou o início da era espacial. Naquele período, “[...] todos os países do mundo disseram que tínhamos que ensinar mais Ciência para nossas crianças superdotadas” (Renzulli, 2023 *apud* Viana; Delou, 2023, p. 3). Complementa, lembrando-se que “[...] o superintendente das escolas me enviou uma lista com os nomes de todas as crianças, em nossa escola secundária, que tinham QI 130 ou mais e ele me pediu para iniciar um programa especial” (Renzulli, 2023 *apud* Viana; Delou, 2023, p. 3). Nessa época, o ponto de corte adotado para identificar AHSD era igual ou superior a 130, o que veio a mudar posteriormente.

No entanto, o estudioso observou que havia alunos, em sua sala de aula, tão bons ou melhores em Ciência comparados aos que haviam sido listados pela direção

[2] A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas ou União Soviética existiu no período de 1922 a 1991. Nessa federação de várias repúblicas, a Rússia era a maior e mais influente.

CC BY

da escola em função do QI. Inscreveu-os igualmente no programa, que ocorria nos dias de sábado, e notou que não diferiam, em termos de desempenho, dos discentes com alto QI. Essa experiência o levou a deduzir que o interesse representava um papel relevante, constituindo, com efeito, uma palavra-chave para caracterizar os indivíduos com AHSD.

O Modelo dos Três Anéis situa as AHSD dentro e fora da escola, ampliando a visão tradicional centralizada em elevado desempenho acadêmico e alto QI. Seu conceito é estruturado de forma dinâmica, a partir da interação de habilidade acima da média, criatividade e compromisso com a tarefa em diversificadas expressões de comportamentos superdotados. Confere um lugar de destaque, em seu referencial teórico, para o interesse. Por intermédio do interesse em determinada área, pessoas com AHSD de diferentes idades podem ser agrupadas para enriquecimento de seu aprendizado. Com isso, as Altas Habilidades ou Superdotação podem ser identificadas para além dos âmbitos acadêmicos, sendo atribuída a uma série de fatores comportamentais e situacionais.

Notas altas não são sinônimo de inteligência

Robert Sternberg concebe a escola como um sistema educacional fechado, que, ao enaltecer as habilidades linguísticas e lógico-matemáticas, desconsidera outras, privando então muitos estudantes de oportunidades para desenvolver todo o seu potencial. Ao passo que os desafios da realidade solicitam soluções criativas e práticas, as instituições formais de ensino não conseguem se desprender de um modelo analítico – necessário, mas não suficiente para o mundo das relações e do trabalho. Essas inquietações moldam os alicerces de seu referencial teórico (Sternberg, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024a).

A Teoria Triárquica da Inteligência advoga uma inteligência de natureza plena, que transcende o componente analítico de processamento de informações (usado

CC BY

para analisar, comparar e avaliar), com o intuito de também comportar a capacidade criativa (utilizada para criar e planejar) e a prática (empregada para aplicar). Em decorrência, o processo de ensino e aprendizagem deve enfatizar tanto a diversidade como a singularidade. Com espaço para criatividade e praticidade em sala de aula, teríamos alunos mais motivados para aprender, aptos então a desenvolverem plenamente sua inteligência, num modelo mais livre e autônomo.

O estudioso afirma categoricamente que notas altas não são sinônimo de inteligência. “Não creio que boas notas sejam sinônimo de inteligência. Boas notas são importantes para mostrar que você aprendeu o conteúdo e que trabalha de modo árduo, que é um aluno diligente”(Sternberg, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024a, p. 1). Acredita numa educação direcionada para a resolução de problemas reais, sendo esta capaz de gerar uma maior probabilidade de as pessoas serem bem-sucedidas na vida fora da escola.

A vida “[...] não é uma questão de múltipla escolha” (Sternberg, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024a, p. 5). Muitas vezes, nenhuma das alternativas anteriores é a correta, o que nos impulsiona a criar novas opções, a levar adiante novas iniciativas. Nessa perspectiva, o autor defende que “[...] não são as notas que vão levar você ao sucesso na vida. [...] O que eu tenho de único para contribuir para o mundo? E como posso aproveitar isso para fazer a diferença?” (Sternberg, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024a, p. 9). As provas da vida não se limitam às opções preexistentes: demandam algo novo, seja uma ideia nova, seja uma ação nova.

O autor faz uma clara distinção entre os conteúdos ensinados na escola e as solicitações feitas pela vida real. Enfatiza “[...] a importância de controlar a poluição, e a pureza do nosso ar e da água, e de reduzir as alterações climáticas, de reduzir a pobreza e de educar o maior número possível de estudantes, da melhor forma possível” (Sternberg, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024a, p. 2). Acrescenta: “Esses são problemas realmente importantes para o mundo resolver” (Sternberg, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024a, p. 2). Conclui essa parte do seu relato esclarecendo: “Então, dou

esses exemplos para enfatizar que, para mim, inteligência não tem a ver com notas. Não se trata de testes de QI" (Sternberg, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024, p. 2).

Sobre o Brasil, menciona estudos que comparam o desempenho escolar de Matemática de crianças brasileiras em situação de rua com a sua capacidade real de resolução de problemas nesse domínio. Pondera que "[...] essas crianças, que tinham um desempenho muito baixo na escola, que viviam na rua, quando lhes eram dados problemas [...] sobre os tipos de Matemática de que precisavam para ganhar dinheiro na rua" (Sternberg, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024a, p. 3). Complementa: "Na verdade, elas se saíram muito bem nos problemas. Elas não apresentaram problemas para resolvê-los. Mas, quando você as colocava em uma sala de aula [...] num contexto acadêmico, elas não conseguiam resolvê-los" (Sternberg, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024a, p. 3). O estudo em tela corrobora o abismo existente entre o desempenho escolar e o uso da inteligência em termos práticos.

A seu ver, a criatividade consiste num aspecto relevante para lidar com os obstáculos que nos são apresentados: "Criativo é dizer que o mundo mudou. Enfrentamos novos problemas. Precisamos de ideias novas e ideias convincentes" (Sternberg, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024a, p. 3). Não podemos solucionar novos problemas com antigas ideias. Além disso, o bom-senso e a sabedoria são indispensáveis, respectivamente, para uma atuação de caráter contextual e voltada para o bem-estar da coletividade.

A Teoria Triárquica da Inteligência afirma que a inteligência ultrapassa as capacidades analíticas, as habilidades linguísticas e lógico-matemáticas apreciadas na escola e avaliadas nos testes psicométricos com resultado em QI, envolvendo igualmente capacidades criativas e práticas. Notas altas não são sinônimo de inteligência. O aluno que apresenta um desempenho acadêmico elevado ou alto QI não necessariamente mostra-se hábil em situações da vida real. O inverso também se mostra verdadeiro: alguém que se sai bem na solução de problemas reais pode apresentar um desempenho escolar insatisfatório. Os conteúdos trabalhados na

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

escola são necessários, mas são insuficientes para lidar com os variados desafios proporcionados pela vida. A inteligência precisa saltar os muros da escola.

É um mito acreditar que as AHSD estejam apenas dentro da escola

Para Ellen Winner (Winner, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024b, p. 3), a concepção de superdotação[3] é representada por três características: i) precocidade, ii) insistência em fazer as coisas a seu modo e iii) fúria por dominar. Todas as pessoas com AHSD, em diferentes domínios, apresentariam esses três predicados. A seu ver, a precocidade indica o desenvolvimento de uma ou mais habilidades antes do tempo esperado para determinada faixa etária. Assim: “Elas estão à frente das crianças da mesma idade: alguns estão moderadamente à frente; alguns estão muito, muito à frente” (Winner, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024b, p. 9). Essas crianças apresentam, portanto, uma ou mais habilidades esperadas apenas em crianças mais velhas. Encontram-se adiantadas nesse sentido.

A insistência em fazer as coisas a seu modo diz respeito a uma forma de pensar e agir diferente da maioria das pessoas, demonstrando um inconformismo com o que é considerado pela sociedade como padrão. “Eles não se importam com o que as outras pessoas pensam. Eles não tentam ser como as outras pessoas. Eles parecem diferentes e realmente são diferentes” (Winner, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024b, p. 9). Logo, resistem à pressão social para a padronização, para a conformidade, para serem como os outros. Ainda em relação a esse mesmo atributo, a autora faz menção às pessoas com AHSD como sendo autodidatas: “Em segundo lugar, é que elas realmente parecem ensinar a si próprias. Eles não precisam de muita ajuda de adultos” (Winner, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024b, p. 9). É oportuno esclarecer que todo potencial deve ser educado. Essa característica indica que, na

[3] A autora utiliza os termos superdotação (*giftedness*) e superdotado (*gifted*) no texto original.

CC BY

área da habilidade de destaque, a pessoa com AHSD aprende de forma mais rápida e demonstra mais autonomia na sua aprendizagem. A ação pedagógica, diante da singularidade desse alunado, deve ser qualitativamente diferenciada. Mas ninguém aprende sozinho: todos precisam de um professor.

A fúria por dominar se relaciona a uma motivação de elevadas proporções, capaz de gerar estados de fluxo mental. “E a terceira característica é o que eu chamo de possuir uma fúria por dominar, que se trata de uma motivação incrivelmente intensa para continuar trabalhando em sua área de alta habilidade, provavelmente porque elas são boas nisso” (Winner, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024b, p. 3). Complementa, logo em seguida: “E quando você é bom em alguma coisa, você alcança uma espécie de estado de fluxo quando está trabalhando nisso. E é prazeroso” (Winner, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024b, p. 3). Nesse estado de fluxo, a criança se concentra no que está fazendo por longos períodos de tempo, esquecendo-se até mesmo de fazer outras atividades, como comer, por exemplo. Os níveis de concentração se mostram elevados ainda quando são muito novas.

A estudiosa não faz distinção entre talento e superdotação, estabelecendo uma crítica ao uso do termo superdotado somente para aqueles que se destacam na área acadêmica, enquanto o termo talento é utilizado para os que se sobressaem nos demais campos, como nas artes e nos esportes. Em suas palavras: nós “[...] tendemos a reservar a palavra superdotado para desempenho elevado em áreas acadêmicas e escolares, particularmente matemática e áreas verbais, e talentos para as artes e atletismo” (Winner, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024b, p. 2). Acrescenta: “Mas eu diria que deveríamos usar apenas uma palavra para todos, uma [palavra] ou outra: talento ou superdotação. Eu prefiro superdotação” (Winner, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024b, p. 2). Por conseguinte, ela conclui que a palavra superdotação se aplica a todos os domínios.

A autora aborda mitos associados às AHSD, que correspondem a visões estereotipadas ou interpretações equivocadas, bastante disseminadas na população

e-ISSN: 2177-8183

em geral, que ocorrem diante da falta de conhecimento científico e de convivência direta com esses indivíduos. Um deles é “o mito do QI”, como denominado pela pesquisadora: “[...] outro mito de que falo a respeito é o que eu chamo de mito do QI. E isso significa que, se uma criança for superdotada, ela terá um alto QI” (Winner, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024b, p. 3). Ela detalha então as habilidades medidas pelo QI: “[...] se uma criança é bastante superdotada tanto [na área] verbal quanto matemática, essa criança provavelmente tem um alto QI, porque essas são as duas áreas nas quais os testes de QI se concentram” (Winner, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024b, p. 3). Ainda sobre as habilidades medidas pelo QI, ressalta que um aluno pode ser superdotado na habilidade linguística e, contudo, apresentar dificuldades na habilidade lógico-matemática. Na realidade, os perfis irregulares costumam ser os mais frequentes.

Ao longo da sua entrevista, Ellen Winner afirma ter conhecido dois sujeitos de uma renomada pesquisa realizada na área de AHSD envolvendo o QI. A catedrática se refere ao primeiro estudo sistemático de crianças com alto QI, iniciado em 1921, pelo psicólogo Lewis Terman (1877-1956), na Universidade de Stanford. Nessa pesquisa, foi realizada uma indicação, por professores, dos alunos mais inteligentes em sua sala de aula. Em seguida, foi aplicada a escala Stanford-Binet. A escala Stanford-Binet consiste numa revisão das escalas francesas Binet-Simon, construídas no início do século XX, no período de 1905 a 1916, com o objetivo de identificar crianças com dificuldades em seu processo de escolarização formal.

Sua origem, com efeito, remonta à escolaridade obrigatória da França, em 1882 e, por causa disso, tornou-se necessário elaborar estratégias pedagógicas para alunos com dificuldade de aprendizagem, a fim de evitar sua evasão do sistema educacional. Isso explica o motivo desses testes psicométricos avaliarem habilidades escolares que, historicamente, adquiriram o *status* de inteligência. Os testes franceses originais foram revisados em diversos países, como no exemplo da revisão Stanford-Binet, efetuada por Lewis Terman (1877-1956), nos Estados Unidos da América

(EUA). Cumpre mencionar que os resultados dessa escala revisada na Universidade de Stanford foram organizados a partir de uma proporção estabelecida entre a idade mental e a idade cronológica, razão conhecida como QI. O quociente dessa divisão foi multiplicado por 100, para evitar números decimais no resultado final.

O ponto de corte adotado na pesquisa de Terman, um QI médio de 150, é considerado muito alto, correspondendo a 1% da população escolar dos EUA, na década de 1920. Além disso, a indicação feita pelo professor se mostrou tendenciosa, selecionando uma amostra com maior número de meninos do que de meninas, todos com bom desempenho acadêmico geral e com boas classificações de ajustamento social. Em outras palavras, os docentes selecionaram, como os estudantes mais inteligentes, meninos bem-comportados com boas notas em todas as matérias, escolha que reflete os valores daquela sociedade e daquela época. Longe de ser um método infalível, o nobelista William Shockley (1910-1989), que ajudou a conceber o transístor e recebeu o Nobel de Física em 1956, não foi indicado pelos educadores e ficou de fora da amostra de pesquisa.

No que concerne a esse estudo, Ellen Winner afirma ter conhecidos dois sujeitos, ou dois *Termites*, como ficaram conhecidos, numa afetuosa homenagem a Lewis Terman (1877-1956). Ambos se encontravam em idade avançada. Em suas palavras: “Eles eram bastante idosos, naturalmente. Não me lembro exatamente quantos anos eles tinham, mas tenho certeza de que estavam na faixa dos 80. Eles poderiam estar no início [da faixa] dos 90” (Winner, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024b, p. 5). Acrescenta: “Um deles me mostrou quebra-cabeças muito complicados com os quais adorava trabalhar. E a outra [...] uma mulher me mostrou todo tipo de fotografia que ela havia colecionado. Então, eles pareciam pessoas comuns, gentis e legais” (Winner, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024b, p. 5). E finaliza: “Eles ficaram muito felizes em falar sobre terem participado do estudo. [...] Eles pareciam, você sabe, pessoas comuns que se expressavam muito bem. Mas eu sabia que eles tinham isso... esse histórico de altas habilidades” (Winner, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024b, p. 5). Restava

ainda uma pequena parcela de sujeitos remanescentes de um estudo empreendido na década de 1920.

A catedrática não se opõe ao uso de testes de QI para identificar pessoas com AHSD. “Bem, não me oponho à ideia de um teste de QI, porque os testes de QI mostram o desempenho das crianças na escola, porque o que os testes de QI solicitam são habilidades relacionadas com a escola” (Winner, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024b, p. 5). Contudo, assinala que a superdotação extrapola essas habilidades. Nesse sentido, declara: “[...] penso que uma forma muito melhor, e talvez mais ampla de captar mais crianças – que talvez não tenham bons resultados nos testes [de QI] – seria confiar em algo mais flexível” (Winner, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024b, p. 5). E conclui: “E um teste de QI certamente não detectará superdotação em áreas não escolares” (Winner, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024b, p. 5).

Segundo Ellen Winner (Winner, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024b), todas as pessoas com superdotação apresentam três características em comum: são precoces em sua habilidade de destaque, apresentam uma insistência em fazer as coisas a seu modo e demonstram uma motivação tão intensa, que consiste numa verdadeira fúria por dominar. É um mito acreditar que todos os superdotados tenham alto QI, pois o QI se limita a habilidades linguísticas e lógico-matemáticas. É igualmente um mito acreditar que as AHSD estejam apenas dentro da escola. A superdotação pode ser identificada na área acadêmica, mas também nas artes, nos esportes, em todos os domínios da vida humana.

Existem níveis de AHSD

No Modelo Diferencial de Dotação e Talento (DMGT), de Françoys Gagné, não são utilizados o termo superdotação nem a expressão AHSD. Adota-se a palavra “dotação”, conceituada como capacidades naturais e espontâneas em um ou mais domínios, localizadas entre os 10% mais altos nos grupos de pares etários. Diferencia

CC BY

a dotação em níveis, que variam desde o dotado até o extremamente dotado, ampliando assim a compreensão do fenômeno. A população, de modo geral, foca nos extremos, especialmente no extremamente dotado, porque são os mais evidentes. Por causa disso, os dotados permanecem, na maior parte das vezes, invisibilizados.

O autor critica a terminologia usada no Brasil. “A propósito, deixe-me salientar que discordo do seu uso de ‘superdotação’ e ‘superdotado’ como traduções para ‘giftedness’ and ‘gifted’, respectivamente. Em inglês, não dizemos ‘supergifted’ ou ‘supergiftedness’. Nós apenas dizemos ‘giftedness’ e ‘gifted’. Então, a tradução deveria ser apenas ‘dotação’ e ‘dotado’” (Gagné, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024c, p. 1). Por esse motivo, emprega os termos dotação e dotado no DMGT, considerando esses termos uma tradução mais fiel ao sentido do fenômeno.

Pondera que o uso exclusivo de testes de QI para identificar dotação colaborou para confundi-la como sinônimo de alto desempenho escolar, excluindo assim outros domínios além da área acadêmica. Em suas palavras: “[...] os estudiosos usavam o termo ‘superdotação’ para representar, ao mesmo tempo, duas coisas: um elevado potencial intelectual e um excelente desempenho acadêmico” (Gagné, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024c, p. 2). E complementa: “Na verdade, os procedimentos de identificação de alunos ‘superdotados’ mantiveram esta confusão, combinando frequentemente pontuações de QI [Quociente de Inteligência] e medidas de desempenho acadêmico” (Gagné, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024c, p. 2). Os testes de QI se mostram válidos, portanto, para a avaliação das habilidades solicitadas no ambiente acadêmico, a saber, as habilidades linguísticas e lógico-matemáticas.

Entretanto, esses instrumentos não identificam a dotação em outros domínios, como nas artes e nos esportes, por exemplo. Nessa perspectiva, o pesquisador menciona um famoso jogador de futebol brasileiro: “[...] me lembro de ter lido sobre meninos muito jovens, no Brasil, que já eram identificados como futuros jogadores de futebol extraordinários, como Pelé antigamente” (Gagné, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024c, p. 9). E reforça: “Então, pense no futebol, ou no que você chama de futebol, e

CC BY

você descobrirá que, no Brasil, meninos muito pequenos são identificados muito cedo" (Gagné, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024c, p. 9). No que se refere ao domínio artístico, explica que: "É também o caso nas artes, particularmente na música. É por isso que vemos tantas vezes prodígios musicais, jovens que alcançam o domínio profissional do seu instrumento antes de chegarem à adolescência" (Gagné, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024c, p. 9). Nesse cenário, a identificação de dotação em domínios diferentes solicita outros procedimentos.

No DMGT, o ponto de corte de QI adotado para reconhecer dotação na área acadêmica é igual ou superior a 120, o que abrange uma maior parte da população, em acentuado contraste com o QI 150 da amostra de Lewis Terman (1877-1956), que se limitava a 1% da população escolar, na década de 1920, nos EUA, onde a pesquisa foi realizada. O ponto de corte igual ou superior a 130 data do início do século XX. A esse respeito, o autor comenta: "[...] a maioria dos psicólogos e educadores continua a utilizar um limiar de 2% superior para a dotação intelectual, nomeadamente um QI de 130 ou mais; foi proposto, acredite ou não, há um século" (Gagné, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024c, p. 9). Numa sociedade atualmente caracterizada pelo amplo acesso à informação e à hiperconectividade, não faz sentido adotar critérios tão antigos. A ciência se renova.

O autor do DMGT estabelece níveis de dotação acadêmica a partir do QI. Em suas palavras: "[...] é precisamente em reação a este elitismo que escolhi um sistema de quatro níveis – chamado MB, que significa baseado em métricas – com um limiar mínimo de entrada de 10% do topo; este limiar me permite multiplicar por cinco, nada menos, a população de dotados" (Gagné, 2024 *apud* Viana; Delou, 2024c, p. 4). Cumpre esclarecer que, em qualquer outro domínio, a dotação também se apresenta em níveis.

Em seu entendimento, o QI igual ou superior a 120 corresponderia ao dotado, encontrado em 1 a cada 10 alunos. O nível seguinte, altamente dotado, é delimitado pelo QI igual ou superior a 135, com prevalência em 1 a cada 100 estudantes. O

excepcionalmente dotado, por sua vez, apresenta QI igual ou superior a 145, com proporção de 1 a cada mil aprendizes. Por fim, o extremamente dotado possui QI igual ou superior a 155, numa parcela de 1 a cada 10.000 educandos.

Na concepção de Françoys Gagné, os testes de QI são adequados para a identificação de dotação acadêmica, pois se concentram em habilidades linguísticas e lógico-matemáticas. Em outras áreas, porém, como artes e esportes, por exemplo, são necessários outros instrumentos e procedimentos. Existem níveis de dotação em qualquer domínio, existindo igualmente uma gradação entre os dotados e os extremamente dotados. No que concerne à dotação acadêmica, a progressão de um nível para o outro adota o valor do QI como critério, a partir do ponto de corte igual ou superior a 120.

A inteligência não é única, as inteligências são múltiplas

Howard Gardner, em sua Teoria das Inteligências Múltiplas (IM), apresenta uma visão pluralista da mente, sendo a inteligência considerada como a habilidade de resolver problemas e a criação de produtos valorizados culturalmente. Ampliou assim a percepção de uma inteligência única para inteligências múltiplas, utilizando-se dos seguintes critérios: uma base biológica, atividades presentes em diversas culturas e um número suficiente de categorias para análise. As inteligências não funcionam isoladamente, combinam-se em função da atividade realizada: são, na realidade, de natureza relativamente independente. Para o autor, cada inteligência pode ser usada para fins construtivos ou destrutivos, o que as caracteriza como essencialmente amorais.

O catedrático delimitou oito tipos de inteligência, abrangendo as tradicionais modalidades linguística e lógico-matemática, porém acrescentando mais seis, as inteligências: musical, espacial, corporal-cinestésica, interpessoal, intrapessoal e naturalista. Em suas palavras: “Agora, graças ao nosso próprio trabalho [...] a maioria

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

de nós percebe que os seres humanos têm inteligências múltiplas" (Gardner, 2025 *apud* Viana; Delou, 2025, p. 3). Complementa: "Estas podem ser descobertas, construídas, elas não são fixas. As inteligências podem ser aprimoradas e usadas de novas maneiras" (Gardner, 2025 *apud* Viana; Delou, 2025, p. 3). Assim sendo, a compreensão da inteligência foi ampliada, tendo em vista a multiplicidade de suas expressões.

A inteligência linguística envolve sensibilidade para a língua escrita e falada, como também a habilidade de aprender línguas estrangeiras. É oportuno esclarecer que mesmo a língua de sinais dos surdos, de natureza sensorial e motora, ativa as áreas de linguagem falada do cérebro. A inteligência lógico-matemática, por sua vez, consiste na habilidade de analisar problemas com a lógica, de realizar operações matemáticas e de investigar questões de modo científico. Ambos os tipos de inteligência, linguística e lógico-matemática, são apreciados nos meios educacionais e avaliados por testes de QI.

O estudioso se opõe ao uso dos testes de QI, todavia, como única medida a ser usada para avaliar uma suposta inteligência única. Essa forma de pensar e de agir estaria, a seu ver, equivocada e desatualizada. Em suas palavras: "Há 60 anos, havia uma crença generalizada de que a inteligência era uma capacidade fixa e única na qual todos os seres humanos podem estar alinhados" (Gardner, 2025 *apud* Viana; Delou, 2025, p. 3). Nesse período, acreditava-se que o QI seria imutável, inalterável diante dos estímulos físicos e sociais do ambiente, sendo invariavelmente o mesmo desde o nascimento até a morte do indivíduo. O autor da teoria das IM critica esse viés determinista, ao dizer que: "[...] os meus colegas psicólogos podiam dizer-lhe as suas oportunidades na vida com base apenas na sua pontuação de QI" (Gardner, 2025 *apud* Viana; Delou, 2025, p. 3). De acordo com o entendimento atual, compreende-se a variação do QI em função de estímulos ambientais, o que não ocorria nos primórdios da testagem psicológica.

e-ISSN: 2177-8183

A inteligência musical implica sensibilidade para sons, ritmos e timbres. Além disso, solicita habilidade na atuação, na composição e na apreciação de padrões musicais. A inteligência espacial constitui o potencial de reconhecer e manipular os padrões do espaço. A inteligência corporal-cinestésica, por seu turno, configura o potencial de usar o corpo para resolver problemas ou fabricar produtos.

As habilidades de relacionamento – seja com os demais, seja consigo próprio – estão contempladas, respectivamente, na inteligência interpessoal e na inteligência intrapessoal. A inteligência interpessoal diz respeito à habilidade de entender as intenções, as motivações e mesmo os desejos de outro indivíduo, o que permite trabalhar de modo eficiente com pessoas. A inteligência intrapessoal está associada à habilidade da pessoa de se conhecer – em termos de desejos, medos e capacidades – e, assim, ter um modelo individual de trabalho eficiente, além da habilidade de regular a própria vida de uma forma competente. Nas relações estabelecidas com o meio ambiente, a inteligência naturalista permite reconhecer e classificar espécies de fauna e flora, identificando os membros valiosos e perigosos de determinada espécie. Possibilita, igualmente, categorizar organismos novos e desconhecidos.

Não somente as IM podem e devem ser educadas, pois todo potencial pode ser desenvolvido, mas é de fundamental importância uma educação com vistas ao emprego construtivo da inteligência. A esse respeito, Howard Gardner elucida: “A fórmula do sucesso: inteligências múltiplas mobilizadas para bons fins. Eu repito, a fórmula do sucesso: inteligências múltiplas mobilizadas para bons fins. Mas agora percebemos que a ética e a moralidade começam muito mais cedo” (Gardner, 2025 *apud* Viana; Delou, 2025, p. 3). Esclarece qual seria esse período: “Quando, como seres humanos, começamos a pensar no eu ou em mim, ou também em nós ou a nós, e se começamos a levar em conta as necessidades e desejos dos outros, da coletividade maior” (Gardner, 2025 *apud* Viana; Delou, 2025, p. 3). O autor confere lugar de destaque à ética, no trabalho de excelência.

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

As IM ampliam notavelmente a noção de uma inteligência desenvolvida e aplicada de forma acadêmica, circunscrita aos muros da escola e da universidade. A inteligência não é única, as inteligências são múltiplas. Expressam-se nas mais variadas atividades da vida. Tanto a inteligência linguística como a inteligência lógico-matemática são avaliadas por testes de QI, instrumentos confiáveis para esse propósito. Esses instrumentos, contudo, não são válidos para o estudo e análise das demais inteligências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os grandes expoentes da área de AHSD do século XX foram entrevistados numa edição especial da Revista Brasileira de Altas Habilidades ou Superdotação, periódico online do Conselho Brasileiro para Superdotação (ConBraSD), entre o período de 2023 a 2024. Expuseram suas ideias sobre seus estudos, em suas próprias palavras, no auge da sua maturidade. Esse conteúdo está eternizado em forma de vídeo e de texto, transcrito do original em inglês, bem como traduzido para a língua portuguesa.

Com o propósito de apresentar a concepção de AHSD de cada um desses autores e sua relação com o QI, fizemos um estudo bibliográfico dos artigos em português. Assim sendo, Joseph Renzulli explicou seu Modelo dos Três Anéis, Robert Sternberg falou sobre a sua Teoria Triárquica da Inteligência, Ellen Winner esclareceu sua concepção de superdotação, Françoys Gagné elucidou o conceito de dotação do seu Modelo Diferencial de Dotação e Talento (DMGT) e Howard Gardner posicionou sua Teoria das Inteligências Múltiplas, em um discurso sobre mudança e continuidade. O material consultado foi, na verdade, a própria fonte, o relato dos próprios autores sobre o trabalho que realizaram por toda uma vida.

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

Para Joseph Renzulli, comportamentos superdotados podem ser vistos na interação de habilidade acima da média, criatividade e compromisso com a tarefa nas áreas de interesse do estudante, que podem ser acadêmicas ou não. Segundo Robert Sternberg, a inteligência comporta três capacidades: analíticas, criativas e práticas. Ellen Winner afirma que todas as pessoas superdotadas apresentam três características em comum: precocidade, insistência em fazer as coisas a seu modo e uma motivação de elevadas proporções, que configura uma verdadeira fúria por dominar. Françoys Gagné assinala que a dotação, termo de sua preferência, pode ser organizada em níveis, do dotado ao extremamente dotado, seja qual for o domínio de destaque. Howard Gardner defende uma concepção plural, em que as inteligências são múltiplas.

Sob diferentes perspectivas, todos compreendem que a inteligência de modo específico e as AHSD de modo geral ultrapassam, em larga medida, as habilidades linguísticas e lógico-matemáticas avaliadas em testes psicométricos, com resultado em QI. Concordam, portanto, que não devemos nos limitar a uma pontuação, pois as AHSD vão bem além dos números, ultrapassando a visão tradicional e persistente que interpreta desempenho acadêmico como sinônimo de inteligência. Para além do QI, existem AHSD fora da escola.

Uma concepção abrangente das AHSD estabelece consequências diretas para os procedimentos de identificação e de educação. Esse alunado consiste numa quantidade significativa de pessoas, ainda invisibilizadas, que necessitam de políticas públicas para estimular o desenvolvimento do seu potencial de forma ética, com vistas tanto à realização do indivíduo como ao bem-estar da coletividade. Em uma sociedade com espaço para a diversidade, as AHSD são reconhecidas em todo lugar.

Submetido em novembro 2025

Avaliado em novembro 2025

Publicado em dezembro 2025

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

REFERÊNCIAS

RENZULLI, J. Entrevista com o professor Joseph Renzulli. *In*: VIANA, T. V.; DELOU, C. M. C. Entrevista com o professor Joseph Renzulli. **Revista Brasileira de Altas Habilidades/Superdotação**, v. 5, n. 1, p. 1-5, 2023. Disponível em: https://ojsconbra.conbrasd.org/index.php/revista/article/view/46/42. Acesso em: 25 jun. 2024.

STERNBERG, R. Entrevista com o professor Robert Sternberg. *In*: VIANA, T. V.; DELOU, C. M. C. Entrevista com o professor Robert Sternberg. **Revista Brasileira de Altas Habilidades/Superdotação**, v. 5, n. 1, p. 1-12, 2023. Disponível em: https://ojsconbra.conbrasd.org/index.php/revista/article/view/46/42. Acesso em: 25 jun. 2024.

WINNER, E. Entrevista com a professora Ellen Winner. *In*: VIANA, T. V.; DELOU, C. M. C. Entrevista com a professora Ellen Winner. **Revista Brasileira de Altas Habilidades/Superdotação**, v. 5, n. 1, p. 1-10, 2024. Disponível em: https://ojsconbra.conbrasd.org/index.php/revista/article/view/46/42. Acesso em: 25 jun. 2024.

GAGNÉ, F. Entrevista com o professor Françoys Gagné. *In*: VIANA, T. V.; DELOU, C. M. C. Entrevista com o professor Françoys Gagné. **Revista Brasileira de Altas Habilidades/Superdotação**, v. 5, n. 1, p. 1-13, 2024. Disponível em: https://ojsconbra.conbrasd.org/index.php/revista/article/view/46/42. Acesso em: 25 jun. 2024.

GARDNER, H. Continuidade e mudança: discurso de Howard Gardner para a turma de 2024 na Universidade de Harvard. *In*: VIANA, T. V.; DELOU, C. M. C. Continuidade e mudança: discurso de Howard Gardner para a turma de 2024 na Universidade de Harvard. **Revista Brasileira de Altas Habilidades/Superdotação**, v. 5, n. 1, p. 1-5, 2025. Disponível em: https://ojsconbra.conbrasd.org/index.php/revista/article/view/46/42. Acesso em: 25 jun. 2025.

CC BY